

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF

ENTREVISTADO: RENÉE SIMAS

ENTREVISTADORES: WANDA COZETTI E JEANINA DAHER

DATA: 12.12.89

CONTINUAÇÃO

PERG.: BOM, HOJE SÃO 12 DE DEZEMBRO DE 89, ESTAMOS AQUI COM A PROFESSORA RENÉE SIMAS, EU, PROFESSORA WANDA COZETTI E JEANINA DAHER, PARA CONTINUARMOS A GRAVAÇÃO QUE VÍNHAMOS TOMANDO NO DIA 7 DE DEZEMBRO.

RETOMANDO; PROFESSORA, NÓS QUERÍAMOS QUE, COMO VOCÊ ESTAVA RELATANDO TODA A HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DAQUELA ÉPOCA; EU GOSTARIARIA QUE VOCÊ RETOMASSE A NARRATIVA A PARTIR DAQUELE PONTO E ALGUMA COISA QUE VOCÊ PUDESSE LEMBRAR E QUE QUISESSE INCORPORAR; EU GOSTARIA QUE VOCÊ ELZESSE. EU NÃO VOU NEM DIRIGIR PERGUNTA, PORQUE VOCÊ TEM UM FLUXO MUITO RICO. EU PREFIRO QUE VOCÊ MESMA ENCAMINHE O SEU DEPOIMENTO.

RESP.: Quanto a associação, eu já relatei o surgimento dela, em virtude das próprias circunstâncias de como se encontrava os professores, a necessidade natural de organização, porque não eram problemas individuais, eram problemas coletivos. E à medida que foi aumentando esse número de professores e o número de alunos e o número de escolas, a problemática também foi se agravando, tanto do ponto de vista do próprio ensino, de preservação de coisas que se consideravam qualitativas de propostas de modificação e de solução dos problemas surgidos posteriormente com as mudanças de governo, com as instabilidades, em que os professores participavam ativamente, porque eu não acredito que num processo educacional, você possa acreditar numa linha de educação ou numa educação para uma sociedade, se você estiver desvinculado dos próprios problemas dessa sociedade. Então, a associação era isso, era uma associação de classe, em que tentava...

PERG.: EU GOSTARIA QUE VOCÊ DISSESSE AGORA, QUANDO E COMO ELA FOI FECHADA, SOB QUE PRETEXTO CONCRETO, COMO É QUE SE DEU ESSE FATTO, COMO É QUE ELE SE CONCRETIZOU?

RESP.: Olha, exatamente se ela teve um dia de fechamento, eu não sei te dizer. Só sei que em 31 de março teve o golpe e logo nos primeiros dias de abril, foi anunciado pela rádio, que os professores tais, tais e tais, tinham sido atingidos pelo ato institucional nº 1, que não havia ainda sido regulamentado. Nós estávamos dando aula no Elefante, eu sempre morei perto, quando nós vínhamos voltando, quer dizer, tínhamos dado aula normalmente, no colégio ninguém tinha ficado sabendo de nada; quando eu ia chegando em casa, uma das vizinhas que não trabalhava fora, ela disse: olha, eu acabei de escutar no rádio uma medida governamental, em que dizia que havia sido demitido tais professores e como eu sou francesa, o único nome que eu tenho certeza é o seu! ou seja, Renée, um nome francês; mas não é você só, é um grupo de professores. Então, e foi aí que nós ficamos assim, porque todo mundo tinha passado a manhã inteira trabalhando e ninguém tinha sabido de nada. Foi aí que nós começamos a tentar descobrir realmente o que que tinha acontecido. E nessa mesma tarde foi confirmado, de alguma maneira, eu não me lembro exatamente como, porque foi uma coisa assim, todo mundo foi apanhado de surpresa. Eu acho que nós não tínhamos a compreensão realmente... (ENTREV.: DO QUE PODERIA ACONTECER.) - ...do que poderia acontecer e de como as coisas estavam acontecendo exatamente naquele momento. Claro, que depois em análise, era uma consequência direta do movimento que nós tínhamos feito em outubro de 63, como constam aí nos documentos. Então, era uma consequência direta.

PERG.: O PRETEXTO FOI DITO? QUER DIZER, O MOTIVO FOI DITO NA AVERIGUAÇÃO?

RESP.: É! nas primeiras cassações só existia um motivo: SUBERSÃO. Nessa palavra: "SUBERSÃO", englobava... (ENTREV.: TUDO!) - ...tudo. Existiam duas palavras: SUBVERSÃO e CORRUPÇÃO. Então, nós sentimos um alívio e ficamos bastante gratificados de estarmos no grupo da subversão e não no grupo da corrupção.

PERG.: E SE INSTALOU EM SEGUIDA O PROCESSO?

RESP.: Não, não! não se instalou em seguida o processo. No dia seguinte, nós recebemos o comunicado que não deveríamos retornar à

escola. Nós não podíamos entrar mais no Elefante Branco.

RESP.: E COMO FICAVA RESOLVIDO O PROBLEMA DA ESCOLA, QUEM FICAVA NO LUGAR?

RESP.: Não! já, porque nós não estávamos em direção, nós estávamos somente em aula, não é? em outubro... (ENTREV.: MAS MESMO EM SALA DE AULA, NÃO TINHA GENTE EM SALA DE AULA?) - ...todos estavam em sala de aula! (ENTREV.: POIS É! E COMO FICOU RESOLVIDO?) - ah! isso, eu não sei. Eu acho que eles estavam articulados para se recomporem e não... (ENTREV.: NÃO HOUVE DANOS NA SALA TALVEZ?) - ...é! não sei exatamente como eles resolveram, mas eu sei que foi a data de modificação fundamental do ensino; foi daí para frente. Então, se você conversa com alguém, ele lembra e tem a consistência de uma experiência educacional até 64, levando até adiante um pouquinho e depois você sente que realmente foi se modificando e as coisas fundamentais do horário integral realmente da avaliação, da socialização através dos clubes e atividades extra-curriculares, isso vai se deteriorando, deixando de existir. E eu acho que o fundamental, que foi proibido mesmo, é que foi instaurado o medo. E quando você instaura o medo, você não consegue mais ter nenhuma situação democrática e qualitativa.

PERG.: AS REUNIÕES ERAM TODAS MAL-VISTAS? QUALQUER AGREMIÇÃO, QUALQUER REUNIÃO ERA MAL-VISTA?

RESP.: É! e também o próprio comportamento. Por exemplo, você encontrava com um ex-colega, ele tinha medo de conversar. Era engraçado, ele tinha medo de cumprimentar, ele tinha medo de falar, ele, muitas vezes, atravessava a rua, você sentia que ele tinha atravessado a rua um pouquinho antes para evitar o simples cumprimento. Agora, isso não é generalizado. É uma classe que tinha os seus "dedos-duros", como toda, eu acho, como toda agremiação, mas, ao mesmo tempo, teve um grupo assim, solidário. Eu me lembro que logo depois, eles criaram um grupo, que o próprio grupo gerenciava, independente da associação. Portanto, a associação, nós tínhamos uma sede na rua da COBAL e foi logo invadida. Então, ficou aquela coisa assim, as lideranças cassadas e a sede invadida e sem um processo formal que você

pudesse defender e um medo grande de todos. E esse grupo, eles se constituíram num grupo assim, organizado e solidário. Eles arrecadaram uma parte do salário de cada um, quem quisesse contribuir, para que aqueles professores que ficaram assim, de uma hora para outra desempregados, tivessem aonde recorrer. Então, nós temos coisas assim, bonitas.

PERG.: QUANTO TEMPO VOCÊS FICARAM ASSIM, FORA DO MERCADO DE TRABALHO?

RESP.: Olha, nós respondemos... como nós tínhamos sido demitidos sem nenhum inquérito, sem nada, sem nenhuma coisa, nós fizemos uma petição ao prefeito da época... (ENTREV.: QUEM ERA?) - ... que era o... Ivo Magalhães não! o Ivo Magalhães já tinha saído! ele tinha sido... (ENTREV.: CASSADO TAMBÉM?) - ...é! ele tinha sido... se não tinha sido cassado logo também, ele estava sendo perseguido. Eu sei que ele saiu imediatamente da prefeitura. Então, substituiu inclusive durante três dias o Pujol, que era esse ex-secretário nosso de educação e por isso conhecia bem os professores e daí ter empurrado logo o nome dos professores nos três dias em que ele ficou de prefeito. Mas era um coronel; foi um coronel na época... (ALGUÉM CHEGA E INTERROMPE A ENTREVISTA)

PERG.: DEPOIS DESSA PAUSA, NÃO REGISTREI ANTES.

CONTINUANDO: COMO SE DEU ESSE PROCESSO ENTÃO, DE SOBREVIVÊNCIA DE VOCÊS? QUER DIZER, EU QUERO PRIMEIRO QUE VOCÊ DIGA COMO SE INSTALOU O LPM E COMO VOCÊS FICARAM SOBREVIVENDO DEPOIS, COMO VOCÊS CONSEGUAM SOBREVIVER.

RESP.: Nós pedimos ao prefeito, era o Ivan de Sousa Mendes, atual aí, que continua... (ENTREV.: NO "SNI"?) - ...é! então, ele é que ficou de prefeito. Nós fizemos um requerimento, um ofício, pedindo que fosse instaurado o que a lei já permitia, não é? quer dizer, foi regulamentado e a lei permitia; permitia não, exigia um inquérito... (ENTREV.: PARA COMPROVAR?) - ... para comprovar. Então, nós pedimos isso. Então, foi instituída uma comissão dentro da própria prefeitura por três advogados e começaram a ouvir os professores. Eu não cheguei a nem ser ouvida por esses advogados, porque eles acharam que a condução estava muito civil, muito freuxa. Então, passaram para um inqué-

rito policial militar. E aí, nós passamos então, a responder um inquérito militar; passaram toda a documentação. Isso então, durou até, nos dois trâmites, até outubro. E em outubro... (ENTREV.: EM 64?) - ... é! outubro de 64; em outubro foi confirmado; então, nós fomos cassados de novo (RISOS), porque foi confirmado a acusação, não é? agora, o IPM é dos mais inócuos, porque ele foi formado, para cada professor, o que se deu para ver na época, para cada professor assim, tinha o depoimento de dois da mesma área. Então, por exemplo, de desenho tinham dois, do outro tinham dois; a não ser o Fábio, que tinha uma coletânea de acusações, porque era uma liderança mais viva. Então, para o Fábio, eles conseguiram depoimentos assim, mais contundentes de uma maioria; de uma maioria não! de um número maior do que os demais. Então, a gente sentia que era uma armação realmente. Como não tinha consistência, porque a associação era legal, ela congregava quase 100% dos professores, as ações tinham sido todas baseadas em ações permitidas pela lei, não havia nenhuma coisa irregular. Então, do ponto de vista, vamos dizer, institucional, não tinha como. Tinha do ponto de vista ideológico. Então, você poderia ser acusada de ser comunista, de ser ateu ou não ser ateu, mas isso, do ponto de vista da lei do próprio ato. Isso não era, porque existe uma constituição; isso não era motivo para alguém ser punido, não é? você teria que ser punido por ações. E as ações que nós confirmávamos, a existência dessas ações eram todas, naquela época, legais. Daí, a grande incoerência, a grande piada desse IPM, é isso, de você ler o depoimento dos colegas; eram colegas professores. Então, você lia assim, o depoimento. Eu tive um dos depoimentos, uma (TOSSÉ) das colegas, que foi uma das coisas que mais me chocou... eu acho que eu nunca vou esquecer, é quando ela diz assim: "eu sentada no sofá da casa dela e escutei a discussão do marido dela com uma visita, onde ele defendia as reformas de base e o outro era contra!" (ENTREV.: MEU DEUS!) - Então, o teor era verdadeiro, mas era alguém que, por ser assim, uma pessoa sozinha, na época não tinha família, convivía assim, muito na minha casa, porque gostava muito, dizia, que gostava muito das crianças. Então, eu à convidava sempre aos

domingos, porque Brasília assim, ainda em formação e as pessoas sem... se não tivesse nenhum vínculo... o que ficava mais forte mesmo era os vínculos de amizade. Então, eu não conseguia entender, que alguém pudesse depor e que isso fosse aceite como acusação, dizer que estava sentado no sofá da casa e tinha escutado determinada conversa. Eu questionei isso com o Major Suzanne, que era o major que conduzia, que o que estava me precedendo naquele IPM, era mais um inquérito para saber se as pessoas tinham ou não caráter (RISOS), de que realmente uma comprovação de uma ação subversiva ou não, porque o nível dos depoimentos, o nível das acusações era simplesmente uma comprovação... (ENTREV.: AGORA, RESTA SABER, PARA ELES, QUEM É QUE TINHA CARÁTER, SE ERA VOCÊ, QUE LUTAVA POR UMA COISA OU SE ERA O OUTRO QUE VINHA TE DEDURAR?) (RISOS) - Não! mas, porque se o nível de, vamos dizer, de denúncia, fosse num nível também de ação, eu até, eu acho, que respeitaria. Eu estou de um lado, você está do outro, nós estamos numa guerra, você entendeu? eu não concordo com essa guerra e o outro concorda, então eu vou tentar esclarecer esse fato. Mas o nível de acusação não era esse, porque você não pode ser acusado, de que alguém estava sentado no sofá da sua sala e ouviu uma conversa, uma conversa em que não definia nenhuma ação. Era uma discussão, vamos dizer, ideológica de algum assunto, compreende? então, era nesse nível; não era um nível... então, essa mesma pessoa diz assim: "eu, uma vez, vi dentro do ônibus do MEC!" (ENTREV.: MEU DEUS!) - Ora, eu não neguei que estivesse dentro do ônibus do MEC; eu nem me lembrava que tinha entrado dentro do ônibus do MEC. Mas um professor ser acusado de entrar num ônibus do Ministério da Educação, só no Brasil (RISOS). Porque se me diz assim: ela estava dentro do ônibus do Ministério da Guerra, talvez eu não tivesse como justificar. Mas eu sendo professora e ter que justificar o que eu estava fazendo dentro do ônibus do Ministério da Educação, era uma coisa assim, que parecia... (ENTREV.: INCONCEBÍVEL.) - ...era inconcebível. E eram nesse nível, o nível de acusações, compreende? o que ficava difícil qualquer defesa, a não ser que você ficasse rindo o inquérito inteiro, porque isso não era justificativa para nin -

guém estar ali perdendo tempo. E o próprio major, ele uma hora reconheceu que realmente, ele ficava meio abismado com o nível. Dizia ele, que ele ficava abismado era com o nível de covardia, porque naturalmente, essas pessoas deviam saber mais, mas não queriam, tinham medo de se comprometer, porque não sabiam o resultado daquilo, então ficavam no meio do caminho. E nós defendíamos que não... que aquilo era simplesmente uma falta de demonstração de caráter, porque o que era acusado, eles participavam da associação. Aí, eu perguntava: e essas pessoas que estão acusando, participavam ou não da associação? foi perguntado isso a eles? - foi! participavam também. Então, porque que era crime para mim participar da associação e não era para eles? eles foram beneficiados pela municipalização? eu fui, mas eles foram? foram também. Então... compreende? quer dizer, não eram ações; quer dizer, as ações que nos acusavam e nós não fugimos... (ENTREV.: FICAVAM COM DOIS VALORES?) - ...é! era realmente, era uma luta profissional, uma luta de defesa dos direitos e uma luta de defesa de problemas sociais em que eram encampados e referendados em assembléias numerosíssimas, por que tinha realmente uma aceitação geral. Então, realmente é um IEM assim, inócuo, inconsistente... (ENTREV.: FOI ENCAMINHADO PELO EXÉRCITO, MARINHA E AERONÁUTICA?) - ...exército! exército!

PERG.: E O RESULTADO?

RESP.: O resultado é esse: eles confirmam a demissão, mas não pedem nenhuma penalidade para nenhum dos professores acusados.

PERG.: NENHUM DAQUELES, NEM FÁBIO BRUNO PEGA PRISÃO NESSA ÉPOCA?

RESP.: Não! nenhum dos professores foi preso em função... quer dizer, durante esse período, alguns professores já tinham sido presos, mas esses que foram presos para interrogatório, ficaram presos durante um tempo, porque eles não tinham consistência no processo, eles tinham que procurar alguma consistência. E vendo-se aqueles que estavam presos, davam informações que fortalecessem o próprio processo. Mas foram todos soltos e não ficou ninguém preso nessa época. Mais tarde, é que o Fábio foi

preso. Agora, realmente o Fábio foi o mais prejudicado, no sentido em que foi descarregado em cima dele o maior número de acusações, não é? e aí, é claro, que ele acabou sendo preso e foi quem ficou mais tempo realmente na cadeia.

PERG.: MAS ELE FOI PRESO EM 71, NÃO É, JÁ BEM DEPOIS?

RESP.: Pois é! bem depois. Não! não foi! pois é! ele não foi preso... por isso que eu digo, esse IPM acabou ficando bem inconsistente. Eu tive oportunidade de ler trechos desses IPMs e que são risíveis realmente até hoje. Não eram só naquela época, são até hoje.

PERG.: EU GOSTARIA AGORA, PORQUE VOCÊ VÊ, TEM DOIS RESULTADOS AÍ. A QUESTÃO DA SOBREVIVÊNCIA APÓS ESSE ATO, PORQUE MUITAS PESSOAS FORAM EMPURRADAS DA LEGALIDADE, DA VIDA NORMAL, ASSUMIRAM INCLUSIVE REALMENTE A POSIÇÃO DE LUTA EM QUE SE ENCONTRAVA O PAÍS, UM DIVISOR DE ÁGUAS TREMENDO. E DAÍ, MUITAS DESSAS PESSOAS, DE FATO, FIZERAM UMA OPÇÃO POR UMA LUTA DE FATO, NÃO É? FICAVAM SEM EMPREGO, PERSEGUIDOS SEM NENHUMA RAZÃO, SEM NENHUM SENTIDO. A PARTIR DAÍ, ACHO QUE JÁ PRECISAVAM DE ATESTADO IDEOLÓGICO PARA TRABALHAR EM QUALQUER LUGAR. EU NÃO ME LEMBRO MAIS, SE O ATESTADO IDEOLÓGICO PARTIU DE QUE ATO; VOCÊ SOFREU COM ISSO A PARTIR DE QUANDO?

RESP.: Olha, eu tinha assim, logo no início, primeiro porque, a gente não acreditava logo no início, que o golpe fosse durar; não se via consistência, sabe? não era possível que fosse durar uma situação ilegal. Então, eu, particularmente, não acreditava que aquilo fosse uma situação para muito tempo, mas quando nós começamos a ver o que estava se passando e começamos a responder esse inquérito, a gente sentia que, pelo menos, em relação à escola, a coisa era mais ou menos irreversível no momento. Então, (TOSSE) eu, em princípio, assim, a família ajudou nos primeiros meses assim, mas logo depois, quer dizer, nós fomos cassados em abril, e ainda chegamos a receber dias de abril, eu então, em agosto, eu já... eu trabalhava, eu morava perto, como moro até hoje, da Aliança Francesa e o Conselho Cultural da Aliança, era de pessoas assim, na época, pessoas realmente ligadas à cultura e interessadas, com os quais eu tinha outro

relacionamento além da escola. Então, foi feita essa proposta de se criar uma atividade brasileira, permanente dentro da Aliança, porque a Aliança é a Associação de Cultura Franco-Brasileira. Então, em agosto, eu já abri a escolinha de arte da Aliança Francesa. Quer dizer, independente do que poderia acontecer ou reverter, eu já comecei a trabalhar, sabe? eu não entendia que a gente tivesse que... eu achava que só trabalhando é que a gente poderia continuar se preparando para reassumir mais adiante o nosso lugar na escola pública, porque essa era realmente a meta. E em 61, eu tinha entrado em contato através de um curso, tinha sido até enviada pela própria CASEB, a um curso intensivo na Escolinha de Arte do Brasil, do Augusto Rodrigues e que tinha sido uma coisa muito importante assim, para mim. Então, quando eu abri a escolinha, além da experiência que eu já tinha do ensino, eu tinha aquela base, que era a existência da Escolinha de Arte do Brasil e a importância que ela tinha na formação de professores, na divulgação. Então, eu achava que dentro das coisas alternativas que se podia fazer, ali seria um caminho. Então, eu comecei logo em agosto. Em outubro, quando foi confirmado e a gente chegou até a receber o período que ficou sob inquérito. Nós entramos na justiça e recebemos. O período que nós ficamos respondendo o inquérito acabamos recebendo. Então, ainda deu para equilibrar. E aí, cada um já estava procurando... (ENTREV.: OUTROS TRABALHOS.) - ...outros trabalhos, não é? então, alguns professores na própria Aliança, que ficou sendo assim, um local que abrigava, abrigou sem preconceito os professores cassados. Então, abriram um cursinho pré-vestibular: Pimentel, Fábio e outros; Araberg ficou também trabalhando na parte da secretaria da Aliança como secretária administrativa. Então, outros voltaram para os seus Estados, quem não conseguiu ficar aqui, acabou, ou se tinha família, por algum problema mais grave, acabou voltando. Então, fomos retomando assim, a compreensão do trabalho. Agora, eu, no princípio, até 73, eu não aceitei, não quis dar aula em escola particular. Mas a Aliança não era particular? era! era, mas ela funcionava dentro da minha cabeça, como alguma coisa na qual eu estava me preparando e que estava permitindo ver te -

rias que a gente tinha, ver qual era uma prática realmente des-
 se fazer em arte, em que esse conhecimento e essa coisa ex-
 pressiva da linguagem, poderia ajudar para um adulto; como é
 que essa coisa poderia funcionar dentro, interligado dentro da
 escola. E na escola particular, para mim, seria um emprego a
 mais, onde eu não teria nenhuma mobilidade de questionamento.
 Então, eu não... tinha condições, tive oferecimentos, mas não
 aceitei. Quer dizer, não aceitei, porque achava que não pode-
 ria realmente, ter uma coisa mais livre. Então, só em 73, é
 que eu vim a trabalhar na experiência no Colégio Pré-Universitá-
 rio, que se propunha a fazer uma experiência em arte, ligado
 dentro e interligado ao processo educacional, mas só fiquei um
 ano, porque no final desse ano de 73, eu já estava tendo mui-
 tos problemas financeiros, o colégio não pagava, embora fosse
 um colégio particular e os proprietários tivessem Mercedes
 Benz, eles não pagavam aos professores, criaram um problema da-
 nado e eu fui na justiça receber o meu dinheiro, porque não
 via justificativa de um colégio particular não pagar ou não re-
 munerar o professor para uma tarefa que tinha sido contratado.
 Agora, acho que foi muito boa a experiência da Aliança, durou
 até o final de 87, quando eu resolvi então terminar com essa
 experiência, pelas próprias condições da Aliança. A parte fran-
 cesa... a Aliança tem uma parte de direção francesa e uma par-
 te de direção brasileira, que é o Conselho da Aliança. Então,
 a parte francesa, sempre, que é a parte pedagógica, sempre
 achou atividades para os filhos dos franceses... (ENTREV. "IN-
 COMPLETO") - ...e outros estrangeiros. Agora, a parte brasilei-
 ra, que se instaurou desde o início, sempre teve um ranço. Pri-
 meiro, que eles pensavam sempre na Aliança Francesa e nos cur-
 sos em termos financeiros. Então, a cultura lá é baseada no
 que ela rende. E a escolinha nunca foi... era uma coisa de so-
 brevivência, mas não era uma quitanda para me render dinheiro.
 Quer dizer, ela se mantinha, ela me mantinha com um mínimo de
 renda, para poder continuar mantendo atividade, mas não era um
 local que eu pensei que eu ia abrir para enriquecer ninguém.
 Então, parte da renda da escolinha, era 20%, era a percentagem
 da Aliança para manutenção, mas não era realmente, uma coisa lu-

crativa. Aquela dava... a gente tinha uma atividade rica, mas não era uma coisa assim, que tivesse uma mensalidade caríssima; não! pelo contrário; eram preços módicos, que tanto frequentava aquela criança que podia pagar, como aquela, mais ou menos; e como eu ainda dava bolsas. Então, isso fazia com que o material de artes sempre foi material caro, não é? embora, a gente trabalhasse muito com materiais alternativos. Nós tínhamos uma grande caixa, que era a caixa de mistério e nessa caixa de mistério, ela envolvia praticamente toda a atividade.

PERG.: RENÉE, ENTÃO ELA DUROU DE 64 A 87?

RESP.: A 87, o final de 87.

PERG.: POIS É! ENTÃO, PARA VOCÊ PARA FICAR NO MERCADO DE TRABALHO POR CAUSA DA ALIANÇA FRANCESA, VOCÊ NÃO ENCONTROU ESSA DIFICULDADE DE ESBARRAR COM A APRESENTAÇÃO DE ATESTADO IDEOLÓGICO, NEM NADA DISSO, PORQUE VOCÊ FICOU LOGO NA ALIANÇA?

RESP.: É! não! como eu optei logo por ficar na Aliança, então na Aliança, realmente eles não exigiram nada de início. Agora, acredito que, inclusive, essa coisa sempre foi embutida, não pela parte francesa, mas pela parte brasileira, sempre foi embutida, porque nós começamos a ter dificuldades quanto a... havia sempre problemas, pequenos problemas administrativos, coisas que não ficavam resolvidas, sempre surgia aquela coisa assim: olha, a escolinha, eu achava melhor fechar, porque não é uma coisa lucrativa! e eu sempre defendia do ponto de vista cultural e quando havia algum problema, sempre os diretores franceses me avisavam: olha, o conselho está querendo novamente desativar. Então, eu acredito que, além do problema financeiro, o que na realidade sempre ficou embutido, era aquela história de alguém que tinha sido cassado e subversivo, estar ali trabalhando, não é? então...

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA IIL, REFERENTE A ENTREVISTA COM A PROFESSORA RENÉE SIMAS.

.BSB / 07.03.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.

(QNN 40 CJ "F" CS 01 CEILÂNDIA/DF. - TEL. 376 4167 "recado")